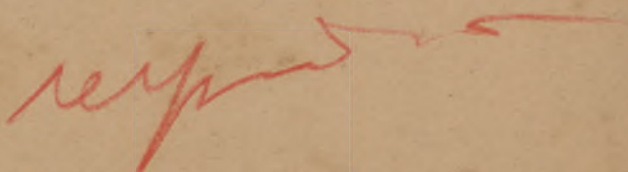


RICARDO JORGE

---

**PROF. BETTENCOURT RAPOSO**

Médico, filósofo e letrado



---

SEPARATA DA REVISTA

«CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA»  
JULHO DE 1937

---

---

1937

TIP. HENRIQUE TORRES  
— 279, RUA DE S. BENTO, 279 —  
LISBOA

RC  
MNCT  
92  
JOR



RICARDO JORGE

---

**PROF. BETTENCOURT RAPOSO**

Médico, filósofo e letrado

---

SEPARATA DA REVISTA

«CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA»

JULHO DE 1937

---



1937

TIP. HENRIQUE TORRES

— 279, RUA DE S. BENTO, 279 —

LISBOA

Rc  
MUCT

92

JOR





## PROF. BETTENCOUT RAPOSO

Médico, filósofo e letrado

Há 57 anos, a tantos de maio de 1880, partejava o *Diário do Govêrno*, duma assentada, nove lentes de medicina, três para cada uma das Escolas; o acaso tem por vezes destas conjunções ariméticas. Eram em quantidade e de qualidade os novos magísteres, ilustrados pelos nomes de Daniel de Matos, Miguel Bombarda, Sousa Refoios, J. A. Serrano, Cândido de Pinho, Bettencourt Raposo... A barca da lagôa Estígia de há muito que tem levado a eito a caravana; dois apenas ficaram, à espera de vez, na borda da negra veia. Lá foi sulcá-la hontem o esquife de Bettencourt Raposo — e da novena que, mais de meio século atrás, irrompia, túrgida de mocidade, pelos umbrais das Escolas Médicas, um só resta, triste abencerragem duma geração que os tempos ainda mais que as Parcas extinguiram.

Dessa pleiade, como em geral de toda a camada médica temporânea, estremava-se a inconfundível personagem do Raposo — figura áparte pela singularidade, a bizarrria e a originalidade do seu ser mental, pela característica fóra do comum, a ressaltar vivamente nas ideias, palavras e actos. *Ego sum qui sum* — poderia proferi-lo de si próprio, se lho não vedasse a lisura da consciência, onde nunca pojou o tumor do orgulho nem purgou a úlcera saniosa da vaidade. Tinha a marca funda do pensador da razão pura, raciocinador por excelência, em que a positividade baconiana se

resolvia numa dialectica cerrada, aguda e percuciente, como se a brandira um escolástico doutras eras. Ouvi-lo e vê-lo a argumentar em actos escolares ou fóra deles, a desandar botes certos de esgrima com fintas imprevistas, de olhos faiscentes e verbo imperativo, trementes as barbas do Albuquerque e inchadas as cordoveias do pescoço, era um espectáculo delicioso de transporte espiritual, salvo para quem, estudante, candidato ou adversário, tivesse que lhe agüentar a apoia-dura.

Que exuberância de talento e que catadupas de eloquência, servida por manancial inesgotavel de saber!

Nesta truculência não entrava, todos o sabiam, o menor vislumbre de ferir por malfazer a êste ou áquele—assomava-o tão sòmente a paixão possessiva do juizo-recto, do conceito exacto, em seu critério o carimbo da capacidade scientifica e a obrigação estricta do officio de professor.

Não há virtude que, justamente por se guindar ao máximo, não incorra por vezes no defeito do seu excesso. Simples manchas veniais, a severidade crítica leva-as por vezes à conta de pecados de duro castigo; lembre-se que tóda a produção humana sofre de quebras, e quantas vezes obras das mais preclaras enfermam de pechas. Certo é que de razão e de razões se forjam as armas brancas de tóda a conquista intelectual, sujeitas todavia a falharem nas mãos mais destras, se não guardarem tento. Dessa destreza, quaisquer que fossem os percalços, dispunha Raposo num grau admiravel—que possança e que virtuosidade naquela musculatura cerebral, congenialmente robusta e treinada a pre-

ceito. Dava perenemente uma lição empolgante do que seja pensar a valer, de como se exerça o discernimento, função essencial da inteligência. Feita instrumento dum sistema pedagógico, a sua aula de patologia geral era, se para mais não servisse a doutrina substancial que ministrava, um ginásio próprio para desencardir os miolos aos alunos, que chegam em regra aos estudos superiores, anazados pela minguada e imperfeita preparação do liceu.

De há muito que o talento, talvez porque rareie ou porque demude, vai decaindo em despreço. Tem que reconhecer-se que a cerebração de Raposo, com o seu cunho especial, simboliza uma época e um meio que estão passados e traspassados. A discussão é desporte perdido — apurar se se sabe, como se sabe e o que se sabe, cotejar e contrastar noções na pedra de toque do questionar, está fóra das preocupações de hoje, dentro do próprio recinto das escolas e academias. A ninguém se pedem contas do que diz, profere ou afirma — nunca houve mais ampla impunidade de falar ou de escrever. Prega-se à bôca cheia o exercício físico: trazem-se em rodopio as canas dos braços, as canelas das pernas, os nós da espinha — mas poupam-se as pregas dos miolos, encolhidas e mimosas no acunhego das meninges. Uma quietação que causa espanto a quem se fez em quadra diversa. Valha a verdade que a moda é geral, e que mais ou menos por tôda a parte se derrama uma espécie de nirvana mental que tende a razoiar a todos, alto e malo, numa estalonagem comum. Com esta inércia niveladora não admira que se relaxe a fre-



nação contentiva exercida pelo raciocínio contra os impulsos desconcertados da psicologia inferior das multidões.

Racionalista doutrinal e prático, havia de filosofar por força; quantos ensaios filosóficos não deixou, amassados em conceitos e fórmulas de síntese científica, de base biológica, psicológica e patológica, sem ascender pròpriamente aos horizontes superiores da vida humana e universal. Filosofia assinaladamente pessoal, onde o seu poder de associação e elocubração se revela em concepções originais de teorias, por vezes estranhas. Lá diz o Bacon que as asas do pensamento devem lastrar-se com pesos de chumbo, ao librar-se no espaço indefinido. Mas que magnifico desbarato de ideação e de fantasia, surpreendentes de elevação e de agudeza, nos artigos ou lições que jazem esquecidos no reconcavo da antiga *Medicina Contemporânea*, a pedirem registo crítico no inventário da nossa escassíssima filosofia, disciplina suprema para a qual o ambiente indígena em todos os tempos tem sido quási sáfaro.

O médico, o professor, alçou-se à maior grandeza relativa. Haste legítima daquela casta de nobreza hipocrática que sobre doira o brasão da Escola de Lisboa, figurada pelo quadrilátero célebre de Magalhães Coutinho, Tomás de Carvalho, Manuel Bento e Sousa Martins, representa belamente essa linhagem de honra em que a



valia científica, o quilate intelectual, a amplitude da cultura impunham, na cátedra e fóra da cátedra, uma superioridade de todos reconhecida, realçada de talento e distinção, de brilho e dignidade. O arquiatra Magalhães Coutinho, certamente a mais fulgurante cabeça que houve no magistério da casa, falava-me em 1885 no Conselho Superior de Instrução Pública em termos entusiastas das faculdades alevantadas de Raposo. Ao cerrafile e maioralduma série decente que a morte foi roubando a pouco e pouco, desde J. A. Serano até Custódio Cabeça, apagou-se-lhe emfim o lume do frontal que até à última conservou o esplendor primeiro.

Espécie finda da plenitude do saber médico, movia-se com igual facilidade e firmeza em tôdas as disciplinas — enciclopédico à Galeno. Não conheci ninguém que assim abrangesse a medicina inteira e integrada. Até na cirurgia se distinguia — leiam-se aquelas descrições dos seus actos operatórios, verdadeiros filmes de obra cirúrgica em minúcia, rigor e colorido. Até que um dia dá aso a que lhe arranquem da mão o bisturi, acabando assim um praxista da arte operatória que ilustrara com perícia e invenção.

Gozou êste homem de tôda a consagração dispensada pelo meio médico e não médico aos corifeus da medicina? ocupou êle a jerarquia social a que tantos dotes davam jus? Não — muitas vezes perguntei a mim mesmo o porquê, mais ainda quando o visitava na casinha de Bucelas e quando agora vi sumir-se-lhe o corpo martirizado debaixo do cômodo de terra no cemitério aldeão. Filósofo do género estoico, olhava com suprema indiferença

para interêsses, ambições e honras. Não as desdenhava, como só fazem os inferiores, ruidos de baixa inveja, mas não as cobiçava, nem para alcançá-las daria passos, adoçaria pedidos, ou mascararia sequer a expressão da sua independência. Possuía duas qualidades de muito risco para os grangeios da vida: uma, a rijeza de character, a têmpera dos homens de antano que preferem quebrar a torcer; outra, o talento fora das marcas, aquele que só Deus dá aos seus escolhidos, talvez que desapiedadamente por ser com freqüência a peor sina debaixo da qual se entra no mundo. *Handicap* terrível, a provocar a indiferença glacial ou o acinte da animosidade que força a lutas despedaçadoras e quantas vezes no cabo ao abandono da arena, ao refúgio no canto obscuro.

A homens do estôfo de Raposo devia-se-lhes abrir espontaneamente praça, estimulá-los mesmo, reactivá-los para darem de si as máximas manifestações de que são capazes. A intelligência é como planta que quer que a amparem, enseivem e assoalhem. Porque será que a nossa terra tão mesquinha e ingrata se mostrou de todo o sempre para os mais capazes de illustrá-la e gloriá-la?!

*Fugit ad montem ipse solus.* Emigra da cidade, onde de origem ficaram as manhas do seu fundador Ulisses, e vai bucolizar no agro dos vinhedos de Bucelas. Inadaptado? não—nos postos onde lidou e em que tantos anos fui com êle, nunca o vi senão exacto comprehendedor da missão conjunta com os colegas, sempre atento, cumpridor e correcto, o ma'is isento possível de antinomias e discórdias. Nomeadamente nos conselhos e na secretaria da

Escola, constituiu elemento benéfico, propulsor da actividade e da melhoria da corporação de que, no seguimento de Serrano, foi benemérito paladino.

Humanista, tinha de o ser por vínculo intelectual—aquele humanismo da renascença, transmitido variamente por herança até aos nossos dias em que lá por fóra, depois das estreitezas dum sêco cientismo, de novo se cultiva com amor e se ostenta com reverência, subindo ao lugar que lhe cabe na formação espiritual de quem se entregue a operações científicas, e cardialmente às da medicina, qualquer que seja o ângulo por que esta se encare.

Cedo dá sinal desta propensão, traduzindo em verso solto com elegância e exacção o famoso poema latino de Frascatório sôbre a *Sifilis*, tradução que pena foi deixar incompleta. O português maneja-o com primor glossico e purista, escrevendo ou orando; conhece a língua a preceito em seus tesoiros e modismos; a frase enquadra-a nos moldes genuinos e recheia-a de locuções, das populares às clássicas. Exibe constantemente uma propriedade escrupulosa e exemplaríssima, o vocábulo farto e forte a cair no seu sítio com o valor filológico requerido. Quem se ocupe de lições de linguagem vernácula, leia-o que, por muito que saiba, achará que respigar e aprender. Lições de linguagem, dizemos—êle deu-as várias vezes a propósito de testilhas lexicais de verbo médico e não médico, com tamanha incisão critica e conhecimento idiomático que causam admiração.



Um contraste pessoal a mais com a actualidade—porque as humanidades teem-nas refugado da instrução com tão malas artes, que, de cambulhada com as línguas classicas, com um latim tão mísero que nem para uso de sacristia serve, o próprio portuguez se acalcanhou e derrancou, sem ensino que preste para a salvação da mais gloriosa herança nacional. Não é mais bem tratada a educação em matéria de litteratura, história e arte, em tudo aquilo que forma o coração da civilização portugêsa. O dialecto leproso que por aí estadeia sem pudor as cbagas pôdres e os aleijões grotescos, está a testemunhar a brados essa carência discente, brados que os ouvidos não escutam por despatriados que andam. Os médicos não são dos menores réus nos traumatismos infligidos á linguagem do officio e á comum. A êles, como a todos os aspirantes das profissões liberaes, quási lhes negam os rudimentos da arte de dizer e redigir, porque se foi abaixo a retórica—da arte de pensar e ajuizar, porque se foi abaixo a filosofia. As linhas directrizes da cultura há muito se esponjaram da pedra das aulas.

Letras, cultiva-as com amor, saindo-se ás vezes, como por desfastio, com produções notaveis. Os Contos, publicados outrora com o título *Tentando as asas*, enfeixam novelas de dramatização flagrante, sem deverem nada ás novidades que vinham então de França e aqui corriam requeentadas em prosa espuria. Tomarão o lugar devido na nossa litteratura, quando alguem, algum dia, tentar a sério o re-



censo da romancística nacional. As recopilações literárias esquecem a miúdo as contribuições dos médicos — haja vista a *Parvonía* do Manuel Bento, primasia inexcusável de humorismo de sêlo português.

Ultimamente, a soidão rural e o efluvio campestre acenderam-lhe a ardência poética. Dir-se-ia que nas colinas circundantes sopram ares do Pindo, porque outro médico ilustrado do lugar, o dr. Ferreira da Cunha de que Raposo justamente estimava em muito apreço o saber, as letras e a amizade, também de vez em quando afina a lira.

Tive receios deste tocar serodio na viola de Thaliá, e quando em 1931 Raposo me depunha nas mãos, em costaneira escripta á maquina, mais de duas mil quadras — número nunca aproximado por quanto poeta houve em Portugal — com o ofertório «à crítica feroz do velho amigo R. J.», não foi sem apreensões que lhe peguei, desfeitas incontinenti mal os olhos deslisaram encantados de verso em verso. A bucolica lusa, nem nos antigos nem nos modernos, me deu assim a impressão de estar ouvindo em acento e alma a musa popular da vida rústica, com toda a genuinidade e singeleza nativamente portuguesas nos acordes do coração, nas imagens sentidas, nas locuções congeniais, sem os laivos deformadores e arrebicados do citarêdo culto. Cantigas estremes dum saloio de genio, idílios castiços, brotados sem confeição do peito dos namorados e da festança das ceifas, vindimas e romarias. Anunciei logo a maravilha com entusiasmo num artigo do «Diário de Notícias», consagrado ao *Cantador dos Campos*, criador do maior e do melhor poema

silvestre em cóplas especificamente lusitanistas, digno da divisa virgiliana — *Silvestrem tenui musam meditaris avena*.

Esta febre trovadoresca não remitiu até ao fim. Vem a cegueira roubar às pupilas a visão querida da paisagem campesina, e a frauta pastoril continua a estridular sem parança. Versejar tornara-se-lhe um hábito absorvente, a despejar quadras aos milheiros. Entrêvado no catre, torturado de sofrimentos, nem assim deixa de soltar a torrente metrica. Como que êste geradoiro de trovas o analgesiava.

Ainda menos dum mês antes de acabar, não se esquece de mandar a derradeira fornada, sempre no mesmo tom, sem quebra de variedade e efeito. Elevam-se as cóplas ao todo à cifra astronômica de 5.709, um recorde de quantidade e qualidade.

Lembra o grande poeta agonizante que:

Como o cisne, acabou em paz cantando.

E que canto melancólico o do adeus na quadra final:

Tudo na vida me amarga  
Com o travor da saudade,  
Suspiro pela doçura  
Da paz na eternidade.

Petrarquiza sonetos, êsses com todo o adereço cultista; dalguns sou causador e objecto. Saíu a lume uma paveia ano passado pelos cuidados do amigo Barros e Silva, a que antepuz prefacio; a preparação e a impressão fizeram-se rapido para lhe ser presente o opusculo, no meio duma

crise mais violenta que nos fez temer a precipitação do desenlace. Levou ainda consigo êsse regozijo. Quanto ao monte florido das cantigas, para aí fica inédito, resguardado em casa de amigos; haverá de futuro alguma alma pia que as possa tirar do limbo? De não achar publicidade se queixava, quando me dizia querer escrever coisas em forma de cartas dirigidas a mim, mas a que não via modo de dar estampa pela letra de fôrma, ai de nós, cada vez mais avessa aos escritores.

\*

Da nobreza e requintes do character, como dizer? Uma jóia — água de diamante azul sem jaça, oiro de 24 quilates sem liga. Vasado todo em verdade e rectidão, era um justo, isento, quanto humanamente possível, de mal sentir, mal pensar e mal fazer.

Porque se libertara da peia de certos costumes mundanos mais ou menos convencionais, tiveram no por misantropo e talvez esquisoide — que companhia de grandes homens poderia invocar se o fôsse. Errado juízo: não desamava os semelhantes nem o seu trato, sensível ás boas relações e aos laços de amizade. Traía-o talvez a feição de batibarba, o gesto sêco e áspero. Quem nele cuidasse vêr a condição que Manuel Bernardes dizia «tão de ferro», enganar-se-ia redonçamente. Raposo dá mais um exemplo da opposição encontrado em tantos homens entre o feitiço autoritário e imperioso da intelligência e a brandura amena do character. Os mesmos versos denunciam uma intensa es-



tesia, uma gama afinada de sentimentos. A verdade é que, debaixo da casca por vezes rude e bravia, havia um ser humano de bondade. Manuel Bento, no dia em que a Luso, onde então nos encontravamos, chegou a notícia do falecimento de Sousa Martins, fez-me como êle o sabia fazer, com grandeza de alma e beleza de expressão, o panegirico do grande morto; ao passar das manifestações de talento para as excelencias morais, exclamou comovido: «E o homem era bom!» Bom como os bonissimos, assim foi também o eremita de Bucelas. Os que lograram a dita da sua intimidade, admiravam os tesoiros do seu adoravel coração.

Até que pontos de altruismo iam as efusões desse coração, atesta-o êste passo: o glaucoma agudo acabava de aniquilar brutalmente a única visão que restava, e como em carta lhe dissesse que também os olhos me tombavam em declinação acelerada, responde que em certo modo o meu mal lhe pesaria mais que o próprio. O amor que metinha e a valia em que me teve, levam-no a julgar maior perda que a sua o meu amortecimento visual. Essa descaída parece se sustou, deixando-nos retina suficiente para êste riscar doce-amargo de saudades.

Impavido como o varão de Horácio perante a fatalidade, quando as trevas o envolveram de vez, tolhida para sempre a leitura e a pena, e quando depois mal insanavel o prostrou no leito donde não mais se havia de erguer, afronta os suplícios com animo resignado de estoico senão de santo. E que maior sinal de santidade do que o quadro evangelico da devoção das santas mulheres que nunca lhe



desampararam a cabeceira, abraçadas à  
cruz do seu calvário.

...Pela quelha acima sobe o saimento  
para o coval do adro.

Fundo silencio. Parece  
Morto de todo o lugar,  
Ou estar recolhido em prece,  
A gente, os bichos, o ar.

Morto de todo estava êle o cantor da natu-  
reza aldeã que neste transito se recolhia  
inteira em prece — o ar que lhe refrescava a  
fronte, a terra florida que lhe embalsa-  
mara o estro, a gente para quem fora bem-  
fazejo e que ternamente o amava.

\*

*La via è lunga e il cammino è malva-  
gio* — dizia o Dante; e bem duro de calcu-  
rear que é — as arestas da calçada trilham  
as plantas e os espinhos das sarças cra-  
vejam a pele de sarjaduras. Vale ao cami-  
nheiro malfadado, para que não desfaleça,  
o sentir-se amparado, ombro a ombro,  
por alguns dos que marcham a par na  
mesma esteira e o enlaçam amicalmente  
em fraternidade espiritual e moral. No pi-  
sar da acidentada carreira, que seria de  
nós, se êsse cinto de affectos nos não cer-  
casse e protegesse.

Desde o mear da idade, naquela camara-  
dagem da Escola de Lisboa que me redi-  
miu magnânima dum lance mortal, nos li-  
gamos com Bettencourt Raposo em intimi-  
dade crescente até ao sol posto da vida. A  
noite acaba de amortalhá-lo; e com êle, vejo  
sumir-se de ao par de mim uma teste-

munha fiel do que fômos e silenciar-se a sua voz alentadora nesta quadra derradeira, em que os anos velhos que vão e os novíssimos que veem, cada vez mais nos baixam até ao duplo zero da inexistencia — o do pó das cinzas sem memória. *Omnia fert aetas animum quoque.*

Campo de St<sup>a</sup>. Ana, Julho de 1937.

RICARDO JORGE.





RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329724906\*

